



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

CAMPUS LARANJEIRAS

CONTO IX – ALGUÉM QUER SABER SOBRE ISSO?

REBECA DOS SANTOS MORAES

LARANJEIRAS

2023

REBECA DOS SANTOS MORAES

CONTO IX – ALGUÉM QUER SABER SOBRE ISSO?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (DARQ/UFS) como pré-requisito para obtenção do título de Bacharela em Arqueologia.

Orientador: Dr. Bruno Sanches Ranzani da Silva

LARANJEIRAS

2023

RESUMO

Este trabalho apresenta uma experiência particular da autora com a materialidade que a cerca. Enfatizando, para tanto, a relação dos seres humanos com as coisas, que também costumam ser entendidas enquanto objetos. As interpretações e narrativas associadas aos discursos arqueológicos pós-processuais acabam, por vezes, se perdendo na objetividade científica em que se pautam os espaços acadêmicos. Nesse sentido, a fim de simplificar a linguagem e despertar o interesse do público em geral (ou seja, pessoas de fora da arqueologia), o trabalho é construído a partir de uma narrativa que aceita a subjetividade da prática e a usa como uma ferramenta para compreender os aspectos que constituem a forma que assimilamos o mundo e como isso se reflete na cultura material.

Palavras chaves: Narrativa; Arqueologia Interpretativa; Pós-processualismo.

ABSTRACT

This paper presents a particular experience of the author with the materiality that surrounds her. It emphasizes the relationship between human beings and things, which are also usually understood as objects. The interpretations and narratives associated with post-processual archaeological discourses sometimes get lost in the scientific objectivity in which academic spaces are based. In this sense, in order to simplify the language and instigate the general public (i.e., non-archaeologists), this paper emerges from a narrative that accepts the subjectivity of the practice and uses it as a tool to understand the aspects that constitute the way we assimilate the world and how this is reflected in material culture.

Keywords: Narrative; Interpretive Archaeology; Post-processualism.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	5
INTRODUÇÃO.....	6
Meus motivos	7
O que inspira uma narrativa e quem pode narrar as coisas?.....	7
Arqueologia e as palavras.....	10
Antes.....	14
O primeiro olá.....	15
E assim serviu de inspiração.....	17
Sobre primeiras impressões e o resto	20
Uma descrição com sentidos	24
Algumas outras questões	28
CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

A arqueologia é um campo de estudo das ciências sociais que busca compreender as relações e expressões culturais através da materialidade usada, transformada e significada pelos humanos. Essa materialidade não se limita aos objetos que produzimos e utilizamos, mas também abrange a natureza que somos e fazemos parte, aos espaços e paisagens que modificamos, às construções arquitetônicas que fazemos, aos rastros que deixamos.

Nós, humanos, vivemos nossas vidas dependendo das coisas. Como cientistas humanos e sociais, nos tornamos cada vez mais conscientes desse fato. Como teóricos sociais, fizemos as coisas cada vez mais à nossa imagem, como tendo agência, como transferindo poder e significado. Como cientistas sociais, até subvertemos a palavra “materialidade” para nos referirmos não aos materiais em si, mas às maneiras pelas quais as pessoas interpretam os materiais. (HODDER, 2012, p. 40, tradução nossa).

Como um estudo e prática social, a arqueologia precisa fazer parte de um coletivo para ter sentido. Do contrário, não há razão de ser. Se os motivos, interesses e execução do trabalho está voltada para uma compreensão mais profunda dos seres humanos e suas relações, é preciso que todos façam parte desse movimento. De nada adianta acumular conhecimento apenas em uma sala ou um banco de dados, isso precisa ser compartilhado para o público geral. É preciso, além de possibilitar esse acesso, torná-lo compreensível para essa maioria. É aqui o local onde acredito que o trabalho pode ter melhor impacto.

Durante a graduação, percebi o quanto a prática e divulgação arqueológica está longe de fazer parte do dia a dia da população comum. Geralmente, as produções de conteúdo estão voltadas para a academia, excluindo as demais pessoas da oportunidade de integrar o diálogo de reflexões que podem ser tão interessantes e construtivas ao direcionar nosso olhar para o que já temos contato (a matéria), só não refletimos tanto a respeito disso.

Os seres humanos e as coisas estão ligados desde o início. A objetividade das relações coisa-coisa não é determinante; simplesmente funciona dentro e ao lado dos humanos, seus objetivos e aspirações. As coisas não estão isoladas, inertes. Elas estão envolvidas em fluxos complexos de matéria, energia e informação. Elas precisam umas das outras, dependem da presença e do tempo umas das outras. Elas estão acorrentadas juntas. [...] O ser humano depende das coisas e por isso se envolve nas dependências e dependências entre as coisas. (HODDER, 2012, p. 59, tradução nossa).

Assim, escolhi construir uma narrativa pessoal – com um objeto que possessivamente classifico como meu –, como uma ferramenta viável para despertar o interesse das pessoas, de uma forma geral (e não só as acadêmicas), sobre os aspectos mais abrangentes e relevantes que a arqueologia se propõe a pensar, questionar e perceber através da matéria. Não farei uma revisão sobre as teorias arqueológicas, nem sobre metodologias e métodos de escavação; não é

uma análise sistêmica sobre as etapas e os processos de uma pesquisa ou trabalho arqueológico, tanto de campo quanto de laboratório. Isso pode ser encontrado em outros textos, com temas mais específicos e propósitos um tanto diferentes. Aqui, com um meio mais acessível de linguagem para a construção desse trabalho, tenho a intenção de tratar questões presentes em nosso cotidiano, como as nossas trocas, processos, sentimentos, organização e uma infinidade de outros elementos que fazem parte e podem ser abordadas principalmente através da arqueologia interpretativa, sensorial e fenomenológica.

Meus motivos

Olá, acho que antes de embarcarmos nessa narrativa, é legal fazer algumas considerações básicas sobre mim – ou sobre o que reconheço enquanto parte da minha identidade. Meu nome é Rebeca, tenho 23 anos e sou baiana (o que também implica em ser brasileira e nordestina). Sou uma mulher cis, branca, de classe média e universitária. Também sou escritora, mas isso espero que dê para notar.

Quando me apaixonei pela leitura, não lembro se existia algo específico do qual eu gostava mais. Com o tempo, fui adquirindo critérios para determinar a qualidade das histórias de acordo com minha opinião. Não deixando de lembrar, é claro, que mesmo nossas preferências mais individuais foram construídas sobre o alicerce da sociedade que estamos – e da cultura resultante dela.

No mundo em que vivemos, podemos nos apaixonar por uma infinidade de coisas. Sou apaixonada por palavras em sequência. Por histórias. Também sou apaixonada pela arqueologia, assim como pelas variadas possibilidades narrativas que a cultura material pode proporcionar. Dessa forma, enxerguei a oportunidade de unir as duas paixões, na tentativa de despertar em quem estiver lendo o interesse pelas questões da disciplina.

O que inspira uma narrativa e quem pode narrar as coisas?

Apesar das nossas idealizações sobre como as coisas podem ser, muitas vezes acabamos nos deparando com um resultado totalmente diferente quando elas de fato acontecem. Amar escrever não foi, em momento algum, motivo para a escolha do curso em arqueologia. Mas o que acabei descobrindo em uma das primeiras aulas que tive é que pessoas arqueólogas são narradoras, contadoras de histórias daquilo que buscam compreender.

Existem distintas maneiras de construir uma narração de acordo com o que se almeja alcançar, mas é preciso também ter em mente que a História privilegia algumas narrativas em detrimento de outras. Por isso, é preciso fazer uma reflexão a respeito das vozes que estão sendo ouvidas, dos personagens que estão sendo colocados em primeiro plano ou vistos como principais. É preciso pensar também nas vozes que estão sendo silenciadas, nos povos que não estão sendo representados, nas situações que não estão sendo expostas e na perpetuação de um discurso excludente e distante. (PASSOS, 2018)

A arqueologia por muito tempo foi (e ainda é) uma disciplina majoritariamente ocupada, enquanto campo de produção de conhecimento, por homens brancos, cis, héteros e da elite (RIBEIRO et al., 2017; HARTEMANN, 2022). Embutidos com o pensamento de colonizador, fascinados no estudo, observação e descrição do “outro”, do diferente; agarrados ao discurso de uma ciência imaculada e neutra capaz de descobrir “a verdade” do passado e transmiti-la. Diante desse posto, a essas pessoas cabiam as escolhas (*e o poder!*) do que pesquisar, por quê, para quê, qual saber era válido e o que tinha relevância. “Ao persistirem na ideia de que são universais e falam por todos, insistem em falar pelos outros, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais.” (RIBEIRO, 2019, p. 18).

Como abordam alguns trabalhos (RIBEIRO et al., 2017; RIBEIRO, 2019; HARTEMANN, 2022; HARTEMANN, DE MORAES, 2018) ou sua própria existência trata de mostrar, o estudo, prática e produção no espaço científico (ou mesmo fora dele) não é ocupado apenas por esse padrão branco, masculino, cisheteronormativo e ocidental mencionado anteriormente. Pelo contrário, existem outras vozes, falando de outros lugares, mas acabam sendo silenciadas ou ignoradas na estrutura vigente. “Silenciar algumas narrativas enquanto destaca outras é um exercício de poder, aquele que revela interesses hegemônicos sobre quais histórias sobre o passado devem ser contadas e como.” (HARTEMANN, 2022, p. 86, tradução nossa). Ignorar esses Outros é conveniente, posto que a atitude mantém o lugar de privilégio e poder desses grupos.

Diferentes sociedades ou diferentes grupos dentro de uma mesma sociedade poderiam produzir conhecimentos completamente diversos sobre algo (ALARCÃO, 1997). “Se o passado e o presente estão indissociavelmente ligados, o pluralismo pode ser implicado. De acordo com essa visão, diferentes grupos sociais no presente podem muito bem desenvolver passados diferentes.” (SHANKS, 1992, p. 29, tradução nossa, apud DINIZ, 1996). Isso é possível, justamente porque as verdades são construídas e não universais. Nesse sentido, “apoiando-se na reflexividade e na situacionalidade da produção do conhecimento, cientistas feministas têm investido fortemente no questionamento da autoridade da ciência e de outras estruturas

epistemológicas universalizantes.” (RIBEIRO, 2017, p. 1096-1097). Produções com pautas sociais, geralmente feitas por pessoas inseridas em grupos marginalizados (racial, sexual, econômico), tem essa característica crítica reflexiva a respeito de quem produz e o que está sendo produzido. Longe da aceitar a imposição de uma “neutralidade” inventada, reconhece o lugar do qual se fala. “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.” (RIBEIRO, 2019, p. 30).

Levando esses pontos em consideração, a abordagem pós-processual na qual me pauto, que considera a multiplicidade das narrativas, compreende que essa Verdade é uma construção do presente, guiada pelos interesses da prática em questão. “A verdade não se encontra na história, a história encontra-se na verdade” (SHANKS E TILLEY, 1992, p. 22, tradução nossa). Essa verdade, que não é única e imutável, passa a ser vista como uma construção multifacetada, levando em consideração aspectos que antes eram invisibilizados. O reconhecimento desses aspectos é importante porque expõe o local em que os/as pesquisadores/as estão e como isso pode influenciar sua produção. Esse esclarecimento não deve ser visto de forma negativa. Pelo contrário, fortalece as discussões tão presentes da arqueologia pós-processual e mesmo da pós-modernidade sobre a subjetividade que direciona o estudo e o discurso.

Apesar do apagamento trajado de neutralidade da ciência moderna, a resistência de minorias e grupos marginalizados através de questionamentos que tomaram fôlegos em movimentos sociais se fez perceber a pluralidade do mundo. A constatação desse fato e a reflexão que surge a partir dos diferentes saberes expõe o movimento constante de formulação, reformulação e transformação entre o passado e o presente em uma conciliação mutável da qual não se é possível escapar. A interpretação pode ser entendida como uma autocompreensão do presente (e de seus formuladores). (SHANKS E TILLEY, 1992; DINIZ, 1996)

Esta interpretação não é apenas a construção de um passado, que sempre é feita pelo arqueólogo e finalizada num texto, mas também a construção deste passado a partir do contexto teórico, político, social, econômico e ideológico do arqueólogo enquanto agente construtor de conhecimento. (DOS REIS, 2004, p. 122).

A Lara Passos (2018) fala em seu trabalho sobre quem conta as histórias, ou seja, quem ocupa os espaços de narrativa. A autora traz não apenas quem existe, mas quem tem sua existência reconhecida ou apagada dos discursos oficiais. Ela reflete também sobre o peso e a importância disso para os grupos marginalizados que costumam ser excluídos. Nesse sentido, a fala de Hartemann (2022, p. 81, tradução nossa) reforça esse ponto e vai além, questionando:

Quem pode falar sobre tempos passados e presentes, coisas e pessoas? Quem não pode? Quem pode ser detentor de conhecimento e quem não é reconhecido

como tal? O fato de que tais questões ainda precisam ser abordadas hoje revela a profundidade e a dimensão estrutural da colonialidade. Também traduz a extensão do nosso esgotamento. A arqueologia como disciplina é um participante direto e ativo na manutenção das estruturas coloniais de opressão.

Gabby Hartemann (2022) aborda sobre os processos de silenciamento e violência epistêmica de uma arqueologia que desconsidera qualquer conhecimento que não seja ocidental ou do colonizador. Esse é, na verdade, um ponto crucial das diferentes vertentes (feminista, decolonial, interpretativa) da era da arqueologia contemporânea, pois essas surgiram, surgem ou surgirão enquanto uma crítica à “tradicional” estrutura de conhecimento, pesquisa e produção ocidental como única e/ou superior às demais.

“As narrativas surgem como os principais veículos de diálogo entre nós” (DA SILVA, 2017, p. 128), portanto, devem ser uma ponte para a aproximação e não uma barreira que distancia os seres. Narrar é, antes de tudo, expor quem (ou o quê), como e por quê. Quando falamos sobre algo, nos deixamos vulneráveis para que o outro perceba, mesmo que minimamente, nossa posição no mundo. Escrever é escolher um lugar do qual falar.

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. [...] Com isso, pretende-se também refutar uma pretensa universalidade. Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva. (RIBEIRO, 2019, p. 32).

A esmagadora maioria das produções acadêmicas fala de um lugar distante e uma posição elevada, como um narrador em terceira pessoa consciente de tudo que acontece ao redor. Não compartilho dessa percepção distorcida sobre mim e busco exatamente me referenciar no espaço e no tempo para que o outro saiba, ao consumir minhas colocações, quais são as limitações que possuo e o quanto elas me fazem e são feitas por mim.

Arqueologia e as palavras

Quando falamos sobre arqueologia e texto, existem várias formas de entender e relacionar essas esferas, mas aqui fico com duas vias e percepções que são mais interessantes abordar nesse trabalho. A primeira é pensar a cultura material enquanto um texto repleto de significados que podem ser lidos e interpretados de diversas maneiras conforme o contexto social, político, econômico e ideológico de quem o estuda. “Os elementos da cultura material não têm um significado único e inequívoco, mas são lidos, percebidos, aceites ou rejeitados em

função de ilimitadas situações particulares.” (DINIZ, 1996, p. 16). Esse Texto é construído dentro de uma totalidade estruturada que transcende a autoria e o contexto social no qual foram desenvolvidos, existindo e se relacionando enquanto algo que vai além do seu núcleo de origem e formando incontáveis outras interações a partir de sua interpretação. (LEMOS, 2011; DINIZ, 1996; LIMA, 2011; DOS REIS, 2004)

Na transmissão e reprodução do significado cultural, os símbolos são agentes ativos. São eles que ordenam a vida social, recriando-a continuamente, de tal forma que esta é uma dimensão da cultura material que não pode ser ignorada. Esses significados não derivam simplesmente da sua produção, mas também do seu uso e da sua percepção pelos outros [...] Assim como a linguagem, a cultura material é um sistema estruturado de signos, de modo que ela pode ser considerada como um texto. Nessa analogia textual, os textos materiais devem ser lidos, sua sintaxe desvendada, estando implícito o fato de que as pessoas os leem diferentemente, de tal forma que a cultura material está aberta a múltiplas interpretações. Por meio de discursos materiais, as pessoas falam silenciosamente sobre si mesmas, sobre sua visão de mundo, sobre o que não pode ou não deve ser dito verbalmente, e aí reside a sua força. (LIMA, 2011, p. 19).

A consciência de que a interpretação é reflexo de vários prismas sociais e se configura a partir destes, confere um grau de menor arrogância à leitura e visão de determinadas formas de produção de conhecimento em relação às outras tantas que existem ou podem existir. Não há uma correta, nem uma interpretação melhor ou pior do que a outra, “cai por terra a autoridade científica e se abrem novas possibilidades de interpretações que terão diferentes influências no contexto sócio-político no qual essas interpretações serão utilizadas” (LEMOS, 2011, p. 63). Para isto, é preciso que as múltiplas perspectivas sejam consideradas, saindo do ponto da ciência neutra e universal e se debruçando sobre a diversidade, encontrando-a noutros corpos, grupos e visões silenciadas e marginalizadas por tanto tempo.

Por outro lado, uma percepção que não necessariamente discorda ou é contrária a anterior - mas é possível que a complemente -, é que a própria produção textual é o trabalho arqueológico. Ou seja, a arqueologia se concretiza por meio de um texto que imprime em nossa matéria os estudos, a motivação e os resultados da pesquisa feita. O Texto é a materialidade que os profissionais de arqueologia geram. Não faz parte da arqueologia apenas a cultura material que é percebida, mas o registro material e discurso arqueológico que sobre ela é construído (LEMOS, 2011). “Tilley caracteriza os textos arqueológicos enquanto ‘artefatos contemporâneos’, visto que são ativamente construídos pelo arqueólogo no presente” (COPÉ E ROSA, 2008, p. 31-32). Como abordam Shanks e Tilley (1992), as pesquisas, escavações, observações do material e registro dos mesmos são feitos para que se escrevam sobre eles, para a fabricação destes ‘textos-objetos’.

Como um texto, a cultura material ultrapassa a intenção e o espaço-tempo do seu autor, a sua vida prolonga-se para lá da morte física e mental do autor. A necessária morte do autor, proposta por Roland Barthes, confere ao arqueólogo não o papel de sujeito construtor de certezas que para lá dele permanecem, mas de criador de ideias que vivem naquelas a que dão origem. O passado é assim um texto duplo, texto que se pode ler e interpretar, outro texto que a seu respeito se produz. (DINIZ, 1996, p. 16).

Assim, é preciso explorar a relação de interdependência entre a observação, a interpretação e a escrita. Mas também a interpretação da escrita, visto que o/a leitor/a que a consome interage ativamente, somando seus significados e percebendo-a de uma maneira pessoal (COPÉ E ROSA, 2008). Para nos comunicar, usamos da linguagem, que também está atrelada a contextos culturais e históricos que “expressam e criam em simultâneo realidades sociais” (DINIZ, 1996, p. 15). Como a Djamila Ribeiro (2013) discute em seu texto, há um jogo da linguagem para que sua definição seja compreendida, porque a dinâmica se pauta em diferentes contextos de ação e através dessa compreensão vem também uma “forma de vida”, que é uma maneira de alcançar mundo. A linguagem é um meio pelo qual agregamos valores, estabelecendo e reproduzindo relações de poder entre objetos, coisas e pessoas. Reter o poder da palavra, da comunicação e da linguagem a determinados grupos é uma manutenção de opressão.

O interesse pela narrativa existia em meus pensamentos, mas diante de toda a trajetória no ambiente acadêmico, não acreditei que a narração era um caminho viável. Por romper, de certa forma, a distância imposta pelas barreiras da “ciência neutra” abordada antes, achei que narrar era sonhar alto demais. Até que meu orientador indicou o trabalho do André Siqueira (2014) e a esperança ressurgiu em mim. A ideia sempre foi fazer da narrativa um caminho acessível e prazeroso na busca pelo conhecimento. Tomando o poder da linguagem ao meu favor, a intenção é ampliar o leque de pessoas leitoras ativas na interpretação, indo além dos muros da universidade ou dos cursos de arqueologia.

Em sua monografia, André Siqueira (2014) narra pelo ponto de vista do objeto. Ali a garrafa fala sobre toda sua vida, o ‘nascimento’ e propósito da sua criação; a descoberta do que existe além, de que não é a única, de que é só uma mercadoria; a completude de cumprir sua função. Apesar de este ser um ponto interessante pela humanização do objeto com suas sensações, pensamentos, intenções, sentidos, ou por sua abordagem narrativa incomum, é na história, nas relações e interações que percebi a beleza desse relato. Nesse trabalho aprendemos sobre técnicas de produção e comércio destes objetos (garrafas) naquela época e lugar (século XVIII, Inglaterra) e sobre os processos revolucionários que trariam consigo grandes mudanças sociais. A garrafa fala sobre vestes, alimentação, guerras, contexto de exploração dos recursos

marinhos, grupos, subgrupos e sua interação em lugares em comum. Sendo uma garrafa de bebida, é abordada a diferença dos destilados e fermentados, e a participação desse líquido nas entrelinhas das relações e dos ritos sociais, onde cada um era esperado e incentivado, o que era uma comemoração ou um escape, etc.

Siqueira (2014) foi hábil em tratar os cenários de trabalho da tripulação, a falta de valor e importância dada a essas pessoas que também eram vistas como mercadoria servindo apenas para os propósitos econômicos. Também a diferença de tratamento diante de uma relação hierárquica ou entre seus “semelhantes” e a participação das coisas em meio a tudo isso. O autor fala a partir da garrafa, mas engloba o resto do mundo material que estrutura os contratos sociais e culturais daquele contexto. Assim, roupas, dinheiro, bares, bebidas, comidas, fumo, contratos, navios, cargas, caça, mercadorias e diversos outros artefatos fazem parte da história e da narração de um ser com outros seres.

Nós, garrafas com bebidas alcóolicas, tínhamos diversas funções: servir como recompensa, punição, marcador de identidade, marcador de masculinidade, parte essencial nas refeições e diversas outras, porém, o papel que considero mais importante é aquele que assumimos enquanto lubrificante social. (SIQUEIRA, 2014, p. 37).

Entendendo que “a linguagem é uma forma de vida que traz em si valores políticos e sociais formando uma visão de mundo.” (RIBEIRO, 2013, p. 4) e consumindo a narrativa como um alimento que fortalece a mente e a alma, me interessei ainda mais em passar essa sensação através de uma narração. Este e os outros trabalhos que já citei ou citarei foram de uma importância indescritível na formulação e reformulação das ideias, pesquisas, interesses e coragem criativa do meu próprio modo de escrever. As críticas feministas, de gênero, raciais e decoloniais me ajudaram a entender algumas falhas significativas na transmissão de conhecimento e um comprometimento pessoal para não reproduzi-las aqui. As teorias interpretativas e contextuais foram o alicerce para uma prática reflexiva e ciente das suas limitações, mas orientada em extrair a riqueza dos detalhes que por muitas vezes deixamos passar. E a metodologia de análise, longe de rígida ou planejada, construiu a si mesma através dos acontecimentos que guiaram minha mente e meus sentimentos durante a produção desse trabalho. Este caminho que escolhi percorrer vem sendo trilhado por outras autorias muito antes de mim, mas meu desejo é somar em uma arqueologia mais transparente e inclusiva, usando a arte (literatura) como uma ferramenta para explorar a riqueza da subjetividade diante de sua particularidade.

Antes

Havia outra tábua, diferente em tamanho, forma e textura. Sua qualidade já não era ótima e os dois anos que ficou aqui parada, em modo de espera, cobraram um preço. A madeira clara estava manchada em uma das extremidades, escura como se os fungos tivessem escolhido aquele lugar como seu lar. Nenhuma limpeza retirava as manchas. No meio da tábua, as escurecidas marcas de corte finalmente pareciam cicatrizes.

Os relevos são características que só agora me dou conta, eles parecem pequenas retiradas. São irregularidades causadas pelos microrganismos ou por uma característica natural dessa madeira? Não sei, talvez um estudo mais minucioso resolva a questão.

A fita branca, utilizada para mantê-la suspensa pelo prego, está suja e com as tiras rasgadas. Sofreu do desgaste do uso e do tempo, que, no fim, estão entrelaçados. A minha imaginação se solta em favor da tábua e as listras verticais parecerem detalhes de uma camisa social. O outro extremo, o não reclamado pelos fungos completamente, parece alguém com a cabeça e o pescoço pequenos demais para o corpo. No centro, pelo buraco que poderia muito bem ser o olho de um ciclope, passa a fita – puída e acinzentada.

Acho que nunca reparei tanto nessa tábua. Não é ela o foco dessa narrativa, claro. Essa é a tábua velha, que em algum momento deixei de querer. Acho interessante fazer essa análise porque eu era muito objetiva em sua percepção: era um objeto que eu utilizava para um fim. Ou seja, era só um detalhe de plano de fundo, comum demais aos olhos para receber alguma atenção especial. Era vista como um suporte para cortar os alimentos que eu precisava. Nada mais, nada além.

Tudo isso era verdade? Sim, e não posso dizer que nossa velha relação mudou muito. Quando a peguei aqui para falar as características, mal lhe trisquei os dedos, como que com medo de que me fosse cair a mão. Ela fica embaixo da pia, escondida por portas de correr que a mantém longe do resto do mundo, à vista de ninguém.

Não sei por que ainda não a joguei fora. Não a uso para o que foi feita, não a uso para nada. Essa também é uma boa pergunta: por que tantos de nós mantemos coisas materiais das quais não fazemos mais uso e não encontramos utilidade? Faz parte dessa sociedade consumista e aficionada em bens a recusa em renunciar a um item? Ou é da natureza do ser humano, em geral, se apegar através da materialidade em um passado que já não existe mais? E o colecionismo de coisas inúteis? Há tantas opções.

Enfim, foi assim que passei a desejar uma nova tábua, uma que atingisse os interesses que a outra já não era mais capaz. Talvez ainda não esteja óbvia a razão para ter falado do objeto em declínio. Mas existem muitas questões, muitas curiosidades e possibilidades. Tanto acerca dele quanto do que vem depois.

Como falei, essa narrativa não é sobre a tábua velha, mas isso não significa que ela não tem nenhuma. Ou mesmo que não poderá ter algum dia. Ela foi pensada e executada. Após feita foi vendida, lavada, usada, cortada e marcada, abandonada, esquecida e substituída. No entanto, ainda pode ser transformada. Pode ter sua forma mudada, ou ganhar uma nova função – pode ser vista de outro jeito. Ela ocupou espaços diferentes em momentos específicos e interagiu, não apenas comigo, mas com outras pessoas e outros objetos que não serão citados aqui. Contudo, sei que eles também têm seu próprio histórico de vida, e ninguém pode dizer com certeza o impacto de cada encontro e desencontro. De coisas. De seres.

Me limitei então à caracterização e contextualização do que existia antes e como isso influenciou o que estava por vir.

Agora, então, vamos a ela.

O primeiro olá

Além de uma nova tábua de cortar carne, eu queria outras coisas também e fui à rua em busca disso tudo. Não tinha dinheiro para uma tábua daquelas chiques e caras, mas, já tendo a experiência com a anterior, não queria qualquer uma. Toda loja que eu procurava encontrava tábuas semelhantes: com o aspecto frágil e pálido daquela madeira branca. E tinha ali uma sensação de coisa passageira, fugaz, que eu queria negar. Acabamos voltando para casa sem nenhuma.

Minha mãe tinha me acompanhado e falou que procuraria saber com meu padrinho, que tem um mercadinho, se ele vendia alguma tábua por lá. Ajeitada a compra, fui buscar. Lembro de ter pressa, de sair já pensando em voltar para casa. Não era longe e ficava de frente para a esquina da minha rua, mas uma inquietação passeava pela minha pele.

Quando avistei a tábua, me animei. Ela era marrom escura. Era mais larga e mais alta, e com um design diferente em uma das bordas – como a metade comida da lua minguante. Também possuía dois furos discretos em duas pontas opostas. Percebi que uma quina estava saliente, como se tivesse sido mal lixada. Os mesmos fiapos de madeira são perceptíveis agora,

talvez mais ainda, agravados pelo uso e pelas lavagens com a bucha de plástico (mais precisamente o poliuretano) que aceleraram o processo de desgaste.

Enquanto segurava e caminhava para casa com a tábua, uma sensação de prazer me acompanhava. É um desses êxtases na vida que se manifesta quando adquirimos algo que desejamos. É disso que nossa sociedade também se alimenta. Ter conseguido uma tábua nova era o cumprimento de uma tarefa, o que liberava em meu cérebro a sensação de dever cumprido. Ter adquirido uma tábua boa e bonita (além de barata) foi uma realização e tanto. Acho que aproveitei mais a sensação de conquista do que o fato de ter uma nova tábua. Talvez isso diga menos sobre o objeto e mais sobre mim.

Existem diversas maneiras de uma coisa entrar em nossa vida. Assim como incontáveis formas em que ela pode se estabelecer e prosperar, ou então sumir. Esse também é um aspecto bastante interessante de se perceber. A arqueologia trabalha com a materialidade e, de certa forma, com a presença – é através disso que podemos inferir entre um caminho ou outro. Contudo, os vazios também podem ser indicativos de algo. As ausências são capazes de lançar luz sobre o que decidimos não manter, negar ou apagar da memória. Sendo essa memória um “mecanismo de retenção de informação, conhecimento, experiência, quer em nível individual, quer social” (MENESES¹, 1984, v. 20, p. 33 apud LEMOS, 2011).

Como aborda Hodder (2012, p. 38, tradução nossa),

A existência humana é coisal, irreduzível. As coisas fluem através de nós. [...] Seguramos e manuseamos objetos e nos tornamos conscientes da perspectiva. [...] Existe uma dependência do ser humano das coisas. [...] Nós nos movemos em direção às coisas e as absorvemos. [...] Mas também nos opomos. [...] Mas até mesmo nosso afastamento depende das coisas que negamos.

O que quero dizer com isso? Você pode receber algo de presente, pode comprar, criar ou transformar. E, permanecendo na sua vida ou não (ou fazendo parte de outras vidas em uma relação posterior) esse objeto, que se encontra com a sua realidade, interage. Uma interação resulta em outra, e outra, e outra. Com o passar do tempo, você imprime na matéria o contar de uma história não proclamada em voz alta. Não é fascinante pensar o que podemos aprender com isso?

Mesmo quando calculei os acontecimentos de antes; mesmo quando tinha me negado a adquirir outras tábuas; mesmo quando essa estava parada, esperando por mim (ou é o que escolhi acreditar) a poucos metros de distância; mesmo quando toquei em seu corpo, em seus limites, em suas bordas; mesmo assim eu não estava consciente. Esse não era um objeto incrível

¹ MENESES, U. Identidade cultural e arqueologia. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. v. 20, p. 33-36. Rio de Janeiro, 1984.

que tinha mudado minha percepção a respeito das coisas que interajo. Era uma tábua. Ponto. E por um bom tempo, foi assim que continuou.

E assim serviu de inspiração

Às vezes somos obrigados a fazer algumas coisas, como escolher um tema para escrever o TCC. Passei por essa fase da graduação tendo muitas e muitas conversas com meu orientador, discutindo possíveis temas, coisas que eu gostava mais ou tinha interesse em pesquisar.

Não entrarei em detalhes sobre os pesos que são impostos às nossas decisões, os medos que sussurram nos nossos ouvidos e toda a agonia que é estar vivo. Ou sobre como é fazer isso interagindo com coisas e pessoas o tempo todo. Mas preciso confessar que isso te faz refletir. Pensava muito sobre nossa relação com os objetos, sempre inspirada pela minha própria.

Me questiono como as pessoas se relacionam com esse mundo físico a sua volta. Qual é o espaço mental que dedicam para criar algum vínculo? É possível desenvolver afeto por um objeto? Ou utilizar um objeto como ponte afetiva? Até que grau estamos conscientes do poder de nossas ações com as coisas? E temos noção da influência delas em nossas vidas? Qual segredo está por trás do que escolhemos manter ou descartar? Será que há mesmo algum segredo?

Fico curiosa se as outras pessoas também pensam sobre isso. É possível identificar se as marcas que deixamos nas coisas são intencionais ou não? Temos noção disso dia a dia, quando vamos imprimindo os traços de uso? Como é o exemplo das marcas da tábua, se eu tivesse a possibilidade de não marcar a madeira com os cortes, a deixaria permanecer com aparência de imaculada? Sei que às vezes o desejo é manter as coisas estáticas, suspensas de sofrerem com a influência do tempo. Mas isso não pode acontecer, até o universo tem uma idade. E envelhece. E talvez um dia vá mesmo deixar de existir.

Mas enquanto tudo isso não acontece, continuamos vivendo em um planeta, em um continente e um país que caminha conforme algumas regras. Regras da sociedade, que exigem certas coisas de nós. Então, voltando à questão inicial, acho importante dizer como cheguei até a tábua. Porque as nossas decisões às vezes nos levam a lugares que não estávamos esperando ou sequer tínhamos cogitado. E é aí que se encontra uma parte da magia: o resultado de trocas não premeditadas.

Minha primeira fonte de inspiração, se posso chamar assim, foram os objetos que carrego comigo. As pulseiras e os colares que utilizo me mostravam exatamente essa relação

íntima que nós, seres humanos, possuímos com os artefatos que nos cercam. No meu caso, isso é ainda mais acentuado, visto que não costumo retirar esses objetos para nada e, para mim, eles têm, sim, significado. Não cabe aqui entrar no mérito dos motivos específicos (pois são particulares), mas eles estão associados a pessoas, lugares, momentos e tempos importantes das minhas relações.

Carregar essa materialidade, ter contato com ela, poder olhar, tocar e sentir, faz com que eu me conecte com instantes aos quais já não pertenço mais. Como afirma Pellini (2015, p. 4): “Os sentidos representam o domínio mais fundamental de nosso engajamento com o mundo, o meio pelo qual todos os valores e práticas são performados. Mesmo nossas memórias são criadas e ativadas através de nossa relação sensorial encorpada com o mundo material.” Assim, essa é uma forma simples e efetiva de aprisionar no físico acontecimentos que já escaparam da implacável realidade temporal que continua avançando. É aquilo que continua sendo mesmo quando já não se é mais.

O que é, mais uma vez, motivo de questionamento: é possível alcançar esses valores que atribuímos às coisas? Isso é mais palpável na esfera individual, onde um ser específico confere sentido para aquilo que interage? Ou na esfera coletiva, onde várias pessoas entram em consenso sobre a importância e o valor de determinados objetos? Esse possível acordo de relevância abrange quais grupos dentro dessa sociedade? Quem realmente dita esse peso? E como ele muda ao longo do tempo? Como percebemos isso no contexto e na cultura material de quem não está mais aqui para deixar explícito? Como afirma Lemos (2011, p. 64) “a valorização dos processos subjetivos de construção de conhecimento acabaram trazendo mais perguntas que repostas para a Arqueologia”. Essa constante elaboração de questionamentos, curiosidades e interesses são exatamente os pontos principais do pensamento subjetivo que guia a prática interpretativa na área.

Meus objetos foram o início, o veículo a partir do qual percorri, com uma ilustre orientação, sobre diversos cenários que poderiam retratar essa interação com os objetos de uma forma mais íntima. Tentando tatear um caminho que explorasse não apenas nossa ação sobre as coisas, como se fosse uma via de mão única onde somos aqueles que fazem, criam, moldam, que dão forma e significado. Mas sim uma relação de troca, com impacto real, onde também somos feitos, remodelados, recriados e ressignificados em nossas mentes e em nossos corações pelas coisas que interagem conosco e tem poder de nos transformar.

Considerarei tentar narrar a história de uma árvore e os objetos que ela se tornaria posteriormente. Por alguma razão, que eu não posso afirmar com precisão de onde veio, escolhi uma tábua de cortar carne para ser um desses objetos que a árvore daria existência. Também

pensei em um cachimbo e uma bengala. Passava na minha cabeça uma quantidade incrível de situações que esses objetos poderiam ser abordados e seria percebida a sua importância. Mas, por alguns motivos, essa narrativa exigiria mais tempo e uma porção maior de páginas – que não é a realidade do que disponho no momento.

Uma das inspirações de tábua foi a de Ananda – ela é uma amiga minha que também morava aqui em Laranjeiras. Uma vez nosso grupo de amigos se juntou para comer guacamole, acho que foi a forma que encontrei para agradecer por eles terem me ajudado a lidar com a casa depois de tanto tempo fechada.

Quando voltei para Sergipe, após ter passado os quase dois anos da pandemia na Bahia, a casa estava um caos. Como fiquei por lá o tempo todo, não sabia como a casa estava de verdade. Quando voltei... bom, tinha trabalho a fazer. Acho que os fatos mais chocantes foram os morcegos que tinham reclamado para si o quarto da menina que morava comigo e a árvore que cresceu na parede do quintal. Posso afirmar com bastante certeza de que dessa árvore eu não gostei nenhum pouco. De qualquer jeito, a natureza reivindicou alguns espaços durante a minha ausência. O trabalho que foi para conquistar isso de volta me gerou certos estresses.

A árvore foi cortada no mesmo dia que cheguei, as raízes destruíram a parte superficial da parede e se expandido por dentro dos blocos. Meus amigos ajudaram a levar os pedaços dela para o lixo e alguns também ajudaram a limpar o corredor principal. O guacamole foi o jeito que eu e Fernanda (uma amiga que passou a morar comigo) encontramos para agradecer a presença e ajuda de todos.

Naquela época eu nem havia comprado a tábua nova ainda. Usei a tábua de Ananda lá na casa dela para cortar coentro e fiquei me perguntando sobre as vezes que ela utilizava a tábua para preparar a comida que todos comeriam. Quantas e quantas horas ela passava ali, antes do encontro, usando e marcando o objeto?

Será que alguma vez ela já parou e analisou a tábua? Será que teve esse tipo de pensamento que muda a posição do objeto e que o faz agir de outro lugar? Será que fazemos isso? Ou estamos tão acostumados a tomar as coisas por óbvias que vendamos nossos olhos e fingimos que ainda conseguimos ver? Eu poderia perguntar a Ananda, ela também faz arqueologia e é provável que fizesse render algum tipo de conversa legal. Mas, por outro lado, esse é o tipo de troca que só seria boa se fosse orgânica. E ela não mora mais aqui para falarmos sobre isso em um fim de tarde ensolarado e abafado. *Algumas coisas passam rápido demais.*

Talvez tenha sido esse o pensamento principal que colocou uma tábua sendo parte importante da história e jornada da árvore que sonhei, mas não chegou a vingar.

Chegamos então ao ponto que eu deveria escolher um objeto só e tentar explorar, da melhor forma que eu fosse capaz, a linha que vibra e marca com as ações a matéria. Então, de alguma forma, depois de tantas idas e vindas, decidimos que falar sobre minha experiência pessoal, com a tábua de carne que adquiri, era uma possibilidade interessante.

Pensei em qual seria uma maneira intrigante de abordar isso, de modo que instigasse a curiosidade de um provável leitor/a. Como a narrativa não é uma forma comum de divulgação arqueológica e não há muitos trabalhos voltados para essa perspectiva, compreendi que uma forma respeitosa de tratar toda essa ideia seria narrar em primeira pessoa. Expor aqui, com palavras perigosamente escolhidas, delírios e encantos – fomentados pela cultura material – que estruturaram minha jornada enquanto estudante de arqueologia.

Sobre primeiras impressões e o resto

Na narrativa, a forma como introduzimos algum acontecimento ou personagem pode determinar o peso que ele exerce em quem lê. A primeira impressão que adquirimos sobre algo pode até não ser a que fica, já que recalculamos a rota com o conhecimento que temos a respeito de alguma coisa à medida que nos relacionamos de forma mais profunda. Contudo, o nosso primeiro contato imprime uma marca.

Contei aqui sobre o primeiro contato meu com a tábua. De uma forma ou de outra, expliquei uma cena e ela foi formulada na sua cabeça de um jeito. Esse foi o jeito exato que aconteceu? Com certeza não. Por não lembrar, não falei qual era a hora do dia, nem se a luz do sol pegava diretamente na tábua. O tempo também poderia estar nublado, o que conferiria um ambiente diferente. Não falei dos sons dos carros e motos passando pela rua principal, nem das conversas das pessoas nos mercados ao redor. Não contei sobre o quebra-molas dali que tantas e tantas vezes usei para referenciar qual era o caminho que eu morava. “Depois do quebra-molas a primeira à direita.”.

As coisas que não falei, não falei por um motivo. Dois, na verdade. O primeiro é que não lembro de tudo, poderia inventar, mas isso não teria sentido prático. Apesar de também gostar de escrever ficção, não é e nunca foi o foco *desse* trabalho escrever algo assim. Essa é uma questão que abordarei mais para a frente. O segundo motivo é que algumas coisas roubam mais a nossa atenção do que outras em determinados momentos. Naquele instante, o som dos automóveis era irrelevante para mim. Mas por que será que a cor da primeira impressão que

tive da madeira ainda perdura em minha cabeça? Foi a visão o sentido que permaneceu vívido enquanto os outros foram ofuscados.

Hoje, a cor do centro da tábua, dos dois lados, está desbotada. É mais um indicativo do uso e do tempo. Pode parecer meio boba essa coisa da cor, mas sei que esse era um detalhe que me incomodava na tábua anterior. Então me atento a uma manifestação diferente e esteticamente mais agradável para mim. Esse é o grande motivo que me faz gostar mais dessa tábua? Não. Não existe *um motivo* específico, mas, sim, um conjunto de fatores. É engraçado como algumas particularidades podem exercer efeitos tão variados em quem as percebe. Mais uma vez isso realça a multiplicidade de formas que podemos nos relacionar com as coisas, e qual efeito isso tem nas nossas vidas.

Incluo todos nessa narrativa porque é o que nós, humanos, fazemos. Sendo isso conscientemente ou não. Uma escolha que tomamos, como o simples ter ou não ter algum objeto, pode dizer sobre nossas preferências individuais (como eu ter cadernos que utilizo para escrever minhas poesias e textos); alguma crença religiosa ou manifestação espiritual que seguimos (como ter pedras que ajudam no campo energético ou terços para concentrar a reza); ferramentas capazes de conceder acesso a lugares restritos (como a chave do escritório onde trabalha); algo que indique o status social da pessoa (como o modelo do carro que ela pode comprar e manter); o âmbito político que a sociedade está inserida e quais hábitos de consumo que determinado sistema pode proporcionar; além de uma diversidade de outras coisas.

Como Hodder (2012, p. 38, tradução nossa) abordou,

As energias espirituais fluem através de ícones e relíquias e despertam nossa devoção. Coisas familiares são absorvidas por nosso senso de identidade; elas se tornam reconhecidas e possuídas. As coisas proporcionam um conforto psicológico após a tragédia e perda. As coisas estimulam nossas capacidades cognitivas, fluindo através de nossos processos neurais, levando à reflexão sobre a reflexão, criando caminhos que permanecem conosco.

Nossa existência se faz presente na matéria.

Há como fazer colocações mais gerais, pensando em escalas amplas de determinada sociedade ou o desenvolvimento dos humanos ao longo dos milênios, mas é preciso direcionar os interesses. Em qualquer campo de estudo é preciso determinar um problema de pesquisa, o que se ambiciona abordar, geralmente fazendo um recorte temporal e geográfico. A partir daí o estudo é direcionado, possui um propósito que se visa alcançar.

A arqueologia é interdisciplinar, pois se utiliza do conhecimento de diversas áreas da ciência para captar informações que podem ser importantes na reconstrução da atuação do ser humano na natureza, nos objetos/coisas, nos animais (humanos e não humanos), assim como

nos espaços que, dotados de significados, se tornam lugares – à medida que são construídos socialmente.

Na arqueologia, podemos contar com os ecofatos (que são os restos vegetais) para compreender a dieta alimentar de determinado grupo ou sociedade (COPÉ E ROSA, 2008). Isso quer dizer que podemos inferir sobre determinadas escolhas alimentares e o nível de manipulação daquele povo sobre tais espécies. Esse é um aspecto que também estudamos e que faz sentido, os dados podem gerar informações valiosas sobre o que estamos interessados: saber quais são as escolhas e o motivo delas.

Se fosse esse o caso, um estudo sobre os restos alimentares - sobre os microrganismos presentes na tábua - falaria sobre os alimentos que eu teria provavelmente consumido. Mas o meu interesse particular é pensar na relação que o ser humano tem com esse alimento. Por exemplo: o estudo poderia indicar o consumo de cenoura, mas o que me atira é pensar por que esse legume e não outro? Ou pensar na variedade de legumes que se consome. Qual a frequência de um e dos outros? A escolha é guiada por um gosto pessoal (percebido pelo nosso paladar), uma questão prática de acesso (para conseguir algo diferente eu precisaria ir mais longe, como outro mercado), uma questão financeira (tenho dinheiro para comprar tal verdura, mas não para a outra), uma escolha pelos nutrientes e benefícios (fortalecer a saúde), ou pela quantidade calórica (se encaixa com alguma dieta restrita que ajude a alcançar uma meta corporal). Tudo isso? Nada disso?

Pode ser uma escolha afetiva, talvez a pessoa tenha uma memória positiva associada àquele alimento. Também é possível que essa receita seja a única que a pessoa sabe fazer, ou a que faz melhor, ou a mais rápida e fácil para alguém que tem um ritmo de vida corrido. A pessoa gosta de cozinhar ou faz porque tem que fazer para não morrer de inanição? Ela faz isso com calma (como eu mesma costumo fazer) ou de forma mais ágil (como no caso da minha mãe que cozinha diariamente e tem que conciliar o preparo do alimento com outras diversas tarefas)? Nos sentimos da mesma forma fazendo comidas diferentes ou cada uma carrega em si a possibilidade de nos estimular de jeitos diferentes?

Como abordam as autoras Copé e Rosa (2008), a arqueologia trabalha com as ciências humanas (etnoarqueologia), da terra (geoarqueologia), exatas (arqueometria) e biológicas (bioarqueologia). São campos que estruturam e fazem parte da disciplina. Esses diferentes enfoques, engajados com registros materiais específicos, interagem e se complementam. Eles ampliam e potencializam a interpretação à medida que percebem e buscam compreender as impressões deixadas pelos humanos no mundo físico.

A multidisciplinariedade da arqueologia está a serviço da busca de explicações para questões locais como a reconstituição da sucessão de sociedades e de seus modos de vida em um determinado território, assim como para questões mais amplas como o surgimento do homem e a reconstituição de sua trajetória sobre o nosso planeta. (COPÉ e ROSA, 2008, p. 20).

Como não é o foco do trabalho, não ficarei aqui me debruçando sobre as grandes fases da teoria do pensamento arqueológico (para isso ler LEMOS, 2011). Contudo, é preciso mencionar que durante um tempo, a proposta da arqueologia era bem diferente do que tento trazer aqui. Na verdade, arqueologia nem era a palavra mais adequada, e sim antiquarismo. Nesse início de trajetória, a atenção estava voltada apenas para a coleta dos objetos, o que acabou resultando em sua fetichização “dando-se preferência para objetos inteiros e com valor estético” (LEMOS, 2011, p. 20). Como não havia uma metodologia e o rigor científico, naquela época “havia pouca preocupação com o contexto em que as descobertas eram feitas” (TRIGGER², 2004, p. 38 apud LEMOS, 2011, p. 27), basicamente desconsiderando-o.

Com o passar do tempo e o aprimoramento da disciplina, a teoria e prática arqueológica foram se desenvolvendo. Essa era mais recente não estava obcecada pelo objeto em si – apesar de ter que lidar com as consequências desse pensamento na população geral (como os caçadores de tesouro) –, mas entendia que a cultura material era a chave para uma compreensão mais complexa e abrangente das sociedades humanas, já que é também através dela que nos relacionamos. E considerando, é claro, a influência do contexto de quem estuda, além do contexto dos que são estudados.

É aqui também que as coisas ficam bastante interessantes. Estamos acostumados a pensar em grandes grupos, uma totalidade. É mais fácil, palpável e provável de enxergar repetições/padrões nas coisas. Mas, antes de mais nada, é preciso pensar: do que as sociedades são compostas? De indivíduos (!!!), com suas incontáveis particularidades, e dotados de agência. Esse poder de estruturar, transformar e manter as relações sociais se manifesta através da dinâmica dos seres. Com isso, quero destacar o *contato* e *interação* entre seres sencientes (humanos e não humanos), artefatos e impressões materiais de uma forma geral, além do ambiente em que essa interatividade acontece.

Estruturas mentais, sociais e econômicas têm o poder de influenciar, direcionando possíveis atitudes. Mas jamais as determinando restritamente, como se não houvesse escolha, quando, na verdade, a temos. Se não fosse esse o caso, não existiriam mudanças, quebras de padrões e transformações na sociedade e cultura. Como isso acontece e sempre aconteceu

² TRIGGER, B. História do pensamento arqueológico. São Paulo: Odysseus Editora Ltda, 2004.

durante a existência humana, o que podemos perceber é uma via de mão dupla, onde os humanos constroem os objetos que, por sua vez, os constroem de volta. (LE MOS, 2011)

Assim, como Shanks e Tilley (1992, p. 126, tradução nossa) explicam,

Afirmar que a ação é determinada não é propor qualquer determinação mecânica, mas reconhecer que os atores se encontram em um mundo da vida que não é de sua própria escolha e operam nesse mundo da vida e podem reproduzi-lo ou transformá-lo por meio de sua atividade. No entanto, as motivações (desejos inconscientes, ou razões formuladas ou não formuladas) para as ações são criadas contextualmente em uma determinada situação sócio-histórica.

Isso quer dizer que não fazemos só o que queremos e, mesmo se fizéssemos, é preciso estar consciente que o nosso querer é orientado. Contudo, ainda temos a possibilidade de fazer determinadas coisas do nosso próprio jeito. Talvez isso gere uma variabilidade formal, uma mudança simbólica ou ambas. O que quer que seja, vai se desdobrar em um contexto. É a partir daí que captamos as informações, não apenas do outro ou dos outros, mas de nós mesmos enquanto indivíduos inseridos em uma realidade que nos constrói, mas também é construída por nós.

Uma descrição com sentidos

Diferente dos formatos geométricos mais comuns (redondo, quadrado ou retangular), minha tábua tem uma morfologia um tanto peculiar. Para tentar explicar como eu a percebo, acho que a primeira coisa que preciso dizer é que ela tem duas faces, que identifico como frente e trás. Isso não importa quando estou usando a tábua para cortar, pois, a utilizo dos dois lados. Mas faz diferença quando ela está em repouso no armário, a parte da frente é a que fica exposta e a de trás é a que fica voltada para o armário.

Não sei em qual momento essa configuração se formou em minha mente, mas é assim que é. Tem um pensamento obsessivo em minha cabeça que exige que determinadas coisas se organizem de forma específica. Mesmo que eu ame a escrita e esteja aqui tentando passar através das palavras como me sinto, não consigo descrever algo que parece estar embutido no meu cérebro determinando o jeito que encontro as coisas. Como aborda Alarcão (1997, p. 17) “o indivíduo que age tem motivos para agir assim, ainda que não possa formular discursivamente, de forma clara, esses motivos e propósitos”. O que movimenta nossas ações? Incontáveis outras, assim como pensamentos, sentimentos, possibilidades, etc.

Duvido muito que os outros moradores da casa, ou outros amigos que venham aqui visitar, percebam qual a posição que a tábua de carne está ou que isso seja uma grande questão.

De fato, acho que esse ponto pode ser irrelevante para eles. Contudo, é fundamental para mim, soa como uma regra. Alarcão (1997) discute em seu texto um pouco sobre uma fundamentação teórica de Giddens, caracterizando estrutura como “o conjunto de regras ou normas que os indivíduos, integrados no todo social, formulam e aplicam” (ALARCÃO, 1997, p. 17) e a estruturação como a produção e reprodução dessas regras (*ibidem*).

Talvez esse seja um aspecto importante a ser considerado, visto que abrange uma imposição mental em relação à organização do objeto no espaço que vivo. É uma norma particular, está restrita ao indivíduo (que sou eu), e por isso a abordei aqui. Mas é possível pensar além, fazendo conjecturas. Por exemplo, mesmo não sabendo dessa regra que existe em minha cabeça, as outras duas pessoas que divido a casa sempre a deixam na mesma posição. Sem ter noção, elas estão reproduzindo um comportamento que surgiu de uma necessidade minha, mas quantas e quantas coisas que fazemos são, na verdade, a continuação de uma atitude posta anteriormente por outras pessoas e só seguimos o fluxo?

Enfim, a verdade é que eu não sei o quanto isso influencia o uso e a afinidade com as coisas, mas com certeza modela a forma que acredito que elas devem estar no ambiente para ter uma convivência em paz. Apesar de estar tratando aqui da tábua, essa estrutura de pensamento também interfere em outros artefatos com os quais me relaciono. Isso faz com que as trocas sejam diferentes com cada objeto, além de suas particularidades, incluindo forma, função e significado – que por si só já direcionam o contato –, mas também considerando a exigência da mente sobre a matéria.

Voltando o foco para a morfologia, e ainda tentando descrever a tábua com o referencial de repouso no armário. A parte inferior é reta, assim como as laterais até a metade da tábua. A diferença se encontra na parte superior, já que o desenho a faz parecer ter movimento ao invés de ser estática. O extremo da ponta esquerda desce como uma ladeira até a curva do lado direito. É nesse trecho da tábua que se encontra aquele lixamento grosseiro comentado anteriormente. Passo meus dedos com suavidade pelas farpas, não sem medo de que alguma entre na pele, mas também descrente que isso vá acontecer. Elas estão molengas, calejadas pelos contatos que as desgastaram.

Ainda na face frontal e do lado direito, uma mancha que começa na altura média do objeto vai escurecendo à medida que desce até a ponta. Parece a marca de um líquido que escorreu e se incrustou na madeira. É provável que seja o resultado de uma ação repetitiva, as incontáveis vezes que lavamos a tábua após usá-la e a deixamos encostada na parede para secar. A madeira, que absorve a água, vai ficando inchada e escurecida com o passar do tempo. Mais uma marca feita sem intenção que releva sobre seu uso.

Acabei de me dar conta que estamos envelhecendo juntas, cada uma no seu processo e na sua própria matéria e corpo. Mas somos, ambas, artefatos. Estamos dividindo o espaço-tempo, não sei quanto isso vai durar, mas é emocionante estar consciente de alguns processos que passamos a maioria das vezes sem nos dar conta. A verdade é que o ato de escrever sobre a tábua me obriga a enxergá-la, descrições e percepções precisam ser experienciadas antes de serem compartilhadas. Nesse caso em específico, a escrita acentua a observação do objeto ou o objeto enriquece a escrita? Ou os dois? Ou o que mais importa nisso tudo está na troca que existe entre quem escreve (eu) e a coisa (tábua) que inspira isso?

Quer dizer, o quão importante seria a tábua para mim se não fosse objeto do meu estudo? Duvido que, sem motivo nenhum, ela entraria no meu quarto e ficaria ao meu lado, apoiada no guarda-roupa, por horas e horas enquanto tento produzir alguma coisa. Percebo-a como uma companhia, mas também um corpo estranho em um lugar que não lhe é comum. Não tenho essa sensação com nenhum outro objeto do meu quarto, porque eles fazem parte do que compõe esse ambiente. Mas não a tábua de cortar carne, já que está aqui como um sinal de que preciso falar sobre ela. Sua presença é um lembrete e em certo nível até um incômodo, pois sei que estou exigindo algo de mim enquanto ela está presente.

Quando as horas passam e me perco das palavras, afasto-a. Minha mente não se sente tão pressionada a continuar nada quando ela não está no quarto. A tábua que existe dentro do que delimito como “meu espaço” não é a mesma que existe fora dele. É o mesmo objeto, a mesma matéria, mas os meus propósitos diferem e isso lança outra percepção sobre o artefato.

Quando observo a mancha com a luz da lâmpada pegando diretamente nela, me parece menos escura e reflete um pouco da claridade. Não posso dizer o mesmo das partes mais desgastadas da tábua, pois já estão foscas demais para tal. Sem a luz direta o tom fica mais pesado.

A cor permanece mais escura na parte de baixo e nas laterais. O centro é mais claro. A cor, antes marrom, parece agora um bege amarelado. As marcas dos cortes e a “raspagem” dos alimentos causaram isso. Eu causei isso. Não foi intencional, é claro, mas toda vez que corto frutas, verduras, legumes, carnes, folhas ou o que quer que seja, eu lhe acrescento novas e novas marcas.

Passo os dedos pelos cortes tentando senti-los. Respiro fundo próxima à tábua. Estou ansiosa e insegura de descrevê-la, será que estou fazendo jus ao que ela é? Giro-a em minhas mãos, observando as manchas da parte traseira também. O furo no canto inferior está no meio do caminho de uma lasca que já se soltou. Essa lasca que não faz mais parte do todo, quais

coisas já viveu? O que foi mais notado, sua ausência ou presença? Faz tempo que ela saiu ou nunca a vi ali?

Por ter escrito antes sobre lavar a tábua, quando fui fazer isso de novo reparei na forma que minha mão deslizava enquanto passava a bucha com detergente pela madeira. A espuma branca do sabão proporcionava uma maciez e uma sensação prazerosa ainda não notada. Quando a deixei debaixo da torneira para a água levar as impurezas pelo ralo, percebi pela primeira vez como ela fica mais bonita molhada. Também percebi como o ato de escrever sobre a tábua está enriquecendo a minha experiência com ela; tanto a nível teórico, de pensar qual posição ela ocupa em minha vida, para que a uso, quais sentimentos ela desperta, qual é a influência do ambiente sobre isso e como ela se insere nesse mesmo ambiente, quais são as trocas entre os outros artefatos, como percebo o que dialoga entre si ou o que não faz sentido em um mesmo contexto e muitas outras questões; assim como a nível sensorial, estar mais atenta a cor, com luz direta ou indireta, seca ou molhada, às estrias e manchas, a sensação do toque quando percorro com os dedos pela madeira, ao som que consigo captar, o cheiro, etc.

Quando dou uma série de batidinhas com as unhas, o som que ecoa é diferente de quando acontece com o gume da faca, os materiais que se chocam são outros, assim como a intensidade, a intenção e a distância que estou para captar as ondas sonoras.

Fiz essa descrição e talvez algumas pessoas se perguntem “mas não é isso que fazemos com todas as coisas?” e a resposta é: sim! Esse é o ponto, o corpo e os sentidos que o acompanham são a ferramenta que possuímos para conectar a vivência do mundo externo e os nossos processos mentais. A arqueologia sensorial ou fenomenológica debruça o olhar sobre essa questão, aquilo que nos é mais primordial e indissociável, como aponta Pellini (2015, p. 4).

Somos seres encorpados, sendo assim, nossa experiência do dia a dia é uma experiência sensorial. Captamos as informações do mundo através dos sentidos. Cores, texturas, aromas, paladares, a sensação de movimento, de calor, de peso, tudo nos é apresentado através dos sentidos. Entre nós humanos, não há nada mais básico do que nossa relação sensorial com as materialidades do mundo. [...] Se vivenciamos o mundo através dos sentidos, precisamos entender como pensamos e estruturamos os sentidos, para assim entendermos como vivenciamos o mundo à nossa volta.

Como a minha intenção era narrar a minha relação com a tábua – que vivo também através dos sentidos–, achei interessante explorar isso. No dia a dia, com tantas coisas que temos contato, o pensamento sobre elas acaba sendo ofuscado pela pressa que temos de viver. É quando entramos no automático, não ficamos conceitualizando nossos atos, mas também não temos a capacidade de nos desconectar do nosso corpo, ou de não experienciar a existência através dele.

Tilley (2014) fala sobre essa percepção no seu trabalho, indicando que

As pessoas são objetos físicos [...] Nós experimentamos e percebemos o mundo porque vivemos nesse mundo e estamos entrelaçados a ele. Nós o integramos assim como ele nos integra. Nosso Ser-corporalmente-no-mundo fornece base fundamental, ou ponto de partida, para nossa descrição dele (p. 24).

Algumas outras questões

Antes de ter começado o trabalho, escolhi algumas perguntas básicas que costumam ser alvo de interesse quando falamos sobre existência humana e registro material. Acho que são as primeiras perguntas que eu faria ao me deparar com um objeto alheio e desconhecido. A maioria delas já respondi durante o texto, mas talvez seja apropriado fazer uma recapitulação.

A matéria-prima é madeira. Não sei qual a árvore e nem o fornecedor, busquei essas informações com meu padrinho que me vendeu a tábua, contudo, o homem que produzia e vendia outras tábuas para ele faleceu nesse meio tempo da construção do TCC. Diante disso, não encontrei motivos para ficar aficionada na busca desses dados.

Falei da função de apoio e aparo dos cortes dos alimentos, que foi o intuito primário de quando a adquiri. Mas também do papel que lhe foi embutido como meu objeto de estudo, o que mudou por completo seu significado. Minha percepção das manchas, marcas e detalhes se ampliaram, meu toque, carinho e cuidado se tornaram outros. Durante esse processo de escrita, a tábua e eu nos transformamos em outra coisa, nossa interação se intensificou e se aprofundou.

Quando me coloquei a pensar sobre a convivência e o trato, fiz uma mistura de partes minhas para analisar o que acho que vejo. Fui estudante, futura arqueóloga, acadêmica e escritora. Fui ninguém, desconectada dos pensamentos e aflorando as sensações, mas também fui eu mesma, tentando racionalizar, compreender e perceber a ocupação dos espaços. Fui observadora, atenta e consciente do próprio ato de observar, tentando entender porque descrevi e falei sobre determinadas coisas e não sobre outras. Como abordam Shanks e Tilley (1992, p. 125–126, tradução nossa)

As ações devem ser compreendidas em termos do(s) contexto(s) em que ocorrem [...] As ações são executadas de uma maneira e não de outra porque o mundo social é fundamentalmente uma realidade simbolicamente estruturada e inerentemente significativa.

A tábua está com uma conservação razoável, nem imaculada e intocada, nem acabada e deteriorada. Seu lugar costumeiro é no armário, mas também perto do esconder de pratos logo após seu uso e lavagem. Durante o tempo de produção desse trabalho, outros dois espaços foram

ocupados: meu quarto e a mesa da casa, que fica quase em frente à minha porta. Quando não estava efetivamente escrevendo sobre ela, mas tinha feito ou pretendia fazer isso, deixava na mesa. Assim, ficava mais próxima de mim, se fosse necessário usá-la, mas também ficava disponível para os outros moradores da casa se fosse preciso.

Uma pergunta que estabeleci era sobre a interação dela com as outras pessoas que divido a casa, contudo essa questão não será respondida. É interessante tentar buscar isso e ir além da exclusividade da minha experiência, colocando o contexto das outras interações e pensamentos em relação à tábua. Contudo, essa abordagem teria que ser feita por mim, já que eu estou na frente da produção do trabalho e da narrativa. Quando elaborei as perguntas, estava no início do ano e muita coisa não tinha acontecido ainda. No decorrer do semestre algumas desgraças acabaram se desenrolando, o que me fez ter uma dinâmica de medo, desconforto e irritação com uma das pessoas que eu dividia a casa. Foi em meio a esse clima desagradável que finalizei a escrita e é preciso reconhecer que não estava apta a dialogar sobre isso (algo que tinha se tornado bom na minha vida) com uma pessoa que me fazia mal. Considerando a subjetividade da escrita e da pesquisa, além da minha própria, reconheci o limite da minha vivência e respeitei, sabendo que é importante não ir além do que me cabe. No mais, duvido que a tábua vá ficar ofendida se eu não responder uma pergunta que eu mesma fiz.

E, por último, mas não menos importante, como é costume dos trabalhos arqueológicos, o registro fotográfico com as informações dimensionais do objeto.

Largura: 24cm

Comprimento: 39,5cm

Altura ou profundidade: 1,8cm

Fotografia 1 – Face frontal da tábua de cortar alimentos



Fonte: Compilação da autora

Fotografia 2 – Face traseira da tábua de cortar alimentos



Fonte: Compilação da autora

Fotografia 3 – Mancha e farpas do lado direito



Fonte: Compilação da autora

Fotografia 4 – Cortes, listras, manchas e pontos escuros



Fonte: Compilação da autora

Fotografia 5 – Lasca retirada no canto inferior da face traseira



Fonte: Compilação da autora

Fotografia 6 – Parte superior



Fonte: Compilação da autora

Fotografia 4 – Profundidade e parte inferior



Fonte: Compilação da autora

CONCLUSÃO

Como a própria experiência com a tábua que trouxe aqui, que foi se modificando e se aprimorando com o passar do tempo e a intenção do olhar, a arqueologia não foge disso. Enquanto um campo científico que busca compreender a existência humana através de vestígios materiais, é preciso estar ciente também da mutabilidade dessa existência ao longo do tempo. Não só da transformação do “outro”, mas daquilo que entendemos enquanto “nosso”.

Diferente do pensamento de ‘descobrir a verdade do passado’ através dos rigorosos métodos científicos na coleta de dados, o movimento pós-processual dentro da arqueologia passou a considerar a influência “dos contextos históricos, sociais e políticos específicos nos quais estão inseridos os pesquisadores e as suas escolhas por determinados métodos de trabalho” (COPÉ E ROSA, 2008, p. 22). Por isso, é importante uma produção de conhecimento crítica, que referencie o contexto do(a) pesquisador(a), considerando que “prática também é interpretação” (LEMOS, 2011, p. 12) e fazemos isso de um lugar do mundo, inserindo nossas vivências.

Acredito que ainda faz parte do senso comum achar que a arqueologia está ligada apenas ao passado remoto. Ela também está ligada a isso? Sim, mas não é ao que se resume, principalmente quando compreendemos que a interpretação é feita e tem sentido no presente. A minha tábua não é antiga, na verdade, faz menos de um ano que estamos juntas. E eu, sem admiráveis experiências em campo e sem ser uma grande pensadora da teoria arqueológica, tentei trazer (com uma linguagem acessível) um pouco dos pensamentos, interesses e caminhos que uma prática interpretativa e plural pode proporcionar.

Como Lemos (2011, p. 64) trouxe,

Para Tilley (2007), a materialidade tenta abranger todas as relações entre sujeito e objeto (cultura material), considerando as propriedades físicas dos objetos e, principalmente, seus significados para o ser humano. Dessa forma, para o autor, deve-se ir além da consideração empírica de um objeto, da cultura material, considerando sua materialidade e, logo, considerando sua significância social, o seu papel nos atos sociais, nas vidas das pessoas, no passado e no presente. Isso seria transcender a matéria do objeto, o próprio objeto, considerando-o não apenas como um produto passivo da sociedade, como um fato físico, mas considerando-o também como um vetor dentro da sociedade e, por isso, inseparável das pessoas que o (re) significam, constituindo suas lembranças, suas experiências e suas memórias.

Talvez seja sábio ressaltar que, como tive 1 objeto de estudo específico, me debrucei sobre a experiência com ele. Sei que não abrangi todas as coisas que queria ou eram possíveis, mas passei por questões que me são interessantes e eu conseguiria tratar, sem embolar tudo e comprometer a compreensão. Busquei, através da narrativa, trazer um pouco da relação que

podemos ter com os artefatos, como interagimos com eles no ambiente, como os marcamos, os percebemos e os inserimos na nossa percepção de memória e identidade. Como ele se atrela às nossas histórias.

O que consegui abordar aqui foi apenas uma breve parte de como afetamos e somos afetados pelas coisas que são feitas por nós e nos fazem de volta. Talvez eu seja suspeita para falar, mas há muito mais para se aproveitar nesse sentido, muitas percepções ainda podem ser narradas.

Se ‘teoria’ for uma abordagem auto-consciente e aberta para a diversidade de perspectivas sobre o passado, podemos estar a ponto de participar de um desenvolvimento na Arqueologia que revelará como a pesquisa e a interpretação arqueológicas podem acrescentar novas dimensões para a compreensão do mundo de si mesmo. (UCKO³, 1995, p. 24 apud FUNARI, 2016, tradução nossa).

Esse trabalho não surgiu como resposta para uma questão específica, muito pelo contrário, fiz várias perguntas que nem sequer dei resposta e espero que incentive ainda mais a curiosidade de quem lê. As perguntas são importantes, elas são norteadoras para nossos propósitos e mostram nossos interesses, o que também permite a atração por novas questões no futuro. Aqui a narrativa teve o intuito de ser um convite à arqueologia, instigando todas as pessoas (sem restrição de público) a se aproximar e participar coletivamente da construção dos discursos produzidos pela disciplina.

³Ucko, P. Introduction: archaeological interpretation in a world context. *Theory in Archaeology, A world perspective*. London, Routledge, 1995, 1-28.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, Jorge de. **A arqueologia contextualista**. Mathésis, n. 6, p. 11-32, 1997.
- COPÉ, Silvia M.; ROSA, Carolina Aveline Deitos. **A Arqueologia como uma prática interpretativa sobre o passado no presente: perspectivas teórico-metodológicas**. Projeto Arqueologia e Pré-história do Planalto Sul Brasileiro. UFRS, 2008.
- DA SILVA, Bruno Sanches Ranzani. **Descobrimos a Chácara e a Charqueada, pela arqueologia pública**. 2017.
- DINIZ, Mariana. **A arqueologia pós-processual ou o passado pós-moderno**. Ophiussa. Revista do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, p. 9-19, 1996.
- DOS REIS, J. A. . **Não pensa muito que dói – um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira**. Revista de Arqueologia, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 121–124, 2004.
- FUNARI, P. P. A. **Teoria e epistemologia do conhecimento arqueológico**. Revista Arqueologia Pública, Campinas, SP, v. 9, n. 2[12], p. 1–2, 2016.
- HARTEMANN, Gabby; DE MORAES, Irislane Pereira. **Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia**. Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, v. 12, n. 2, p. 9-34, 2018.
- HARTEMANN, Gabby Omoni. **Unearthing colonial violence: Griotic archaeology and community-engagement in Guiana**. International Journal of Historical Archaeology, v. 26, n. 1, p. 79-117, 2022.
- HODDER, Ian. **Entangled: An archaeology of the relationships between humans and things**. 2012.
- LEMOES, Caroline Murta. **A Teoria na Prática Arqueológica**. Monografia. Pontifícia Universidade Católica De Goiás, 2011.
- LIMA, Tania Andrade. **Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.-abr. 2011.
- NEUMANN, Mariana Araújo. **Por uma arqueologia simétrica**. Cadernos do Lepaarq (UFPEL), v. 5, n. 9/10, p. 82-95, 2008.
- PASSOS, L. P. **COMO REPRESENTAMOS? Analisando as narrativas tradicionais**. In: Loredana Ribeiro; Rafael Milheira. (Org.). AMAAnaque do Pluricentenário de Pelotas: textos sobre patrimônio, arqueologia, identidade e outros temas. 1ed. Pelotas: 2018, v. , p. 48-56.
- PELLINI, José Roberto. **Arqueologia com sentidos: uma introdução à Arqueologia Sensorial**. Revista Arqueologia Pública, v. 9, n. 4 [14], p. 1-12, 2015.
- RIBEIRO, Djamila. **Linguagem, gênero e filosofia: uma abordagem Wittgensteiniana**. In: III Jornadas CINIG de Estudios de Género y Feminismos, La Plata, 2013. 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

RIBEIRO, Loredana et al. **A saia justa da Arqueologia Brasileira: mulheres e feminismos em apuro bibliográfico**. Revista Estudos Feministas, v. 25, p. 1093-1110, 2017.

SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher Y. **Re-constructing archaeology: theory and practice**. Psychology Press, 1992.

SIQUEIRA, André. **Histórias Embriagadas: uma análise diferenciada sobre garrafas de sítios foqueiros na Antártica nos séculos XVIII e XIX**. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). FAFICH-UFMG, Belo Horizonte, 2014.

TILLEY, Chris. **Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica**. Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014.